

**PROEJA EM PAUTA:
uma proposta de
formação continuada de
professores**

ELZAFRAN SANTOS SOUSA LOURENÇO

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE SÃO PAULO – CÂMPUS SERTÃOZINHO**

**PROEJA EM PAUTA: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO
CONTINUADA DE PROFESSORES**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT) do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Prof. Dr^a Maria Beatriz Gameiro Cordeiro

Coorientadora: Prof. Dr^a Juliana Cristina Piunti

SERTÃOZINHO/SP

2021

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	03
SOBRE A PROPOSTA.....	05
CONTEÚDOS E MÉTODOS.....	06
ENCONTRO 1.....	07
PALESTRA: QUE EDUCAÇÃO PARA QUAIS JOVENS E ADULTOS VINDOS DE PASSAGENS HUMANAS E INUMANAS (TRANSCRIÇÃO).....	08
ENCONTRO 2.....	19
MATERIAL UTILIZADO PARA O ENCONTRO 2.....	20
ENCONTRO 3.....	26
REFERÊNCIAS	29

INTRODUÇÃO

A proposta de intervenção pedagógica intitulada *Proeja em pauta: uma proposta de formação continuada de professores* inscreve-se na perspectiva da formação continuada dos professores do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e é fruto da pesquisa *Diálogos sobre o Proeja: fundamentos e perspectivas para implementação de um curso no IFSP* vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional ProfEPT,

Um dos problemas enfrentados pelo Programa de Integração de Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos (Proeja) na Rede Federal de Ensino Profissional e Tecnológico (RFEPT) é a falta de formação específica de docentes para atuar nessa modalidade de ensino e, conseqüentemente, o desconhecimento dos pressupostos metodológicos, políticos e históricos do programa, fato que pode gerar problemas como evasão, currículo inapropriado e até mesmo resistência de professores em atuar no programa. Frigotto (2018) concorda que a falta de conhecimento sobre o referido programa e o desconhecimento dos documentos que o orientam, geram um quadro de resistência que acaba por dificultar sua implementação e adesão dos institutos.

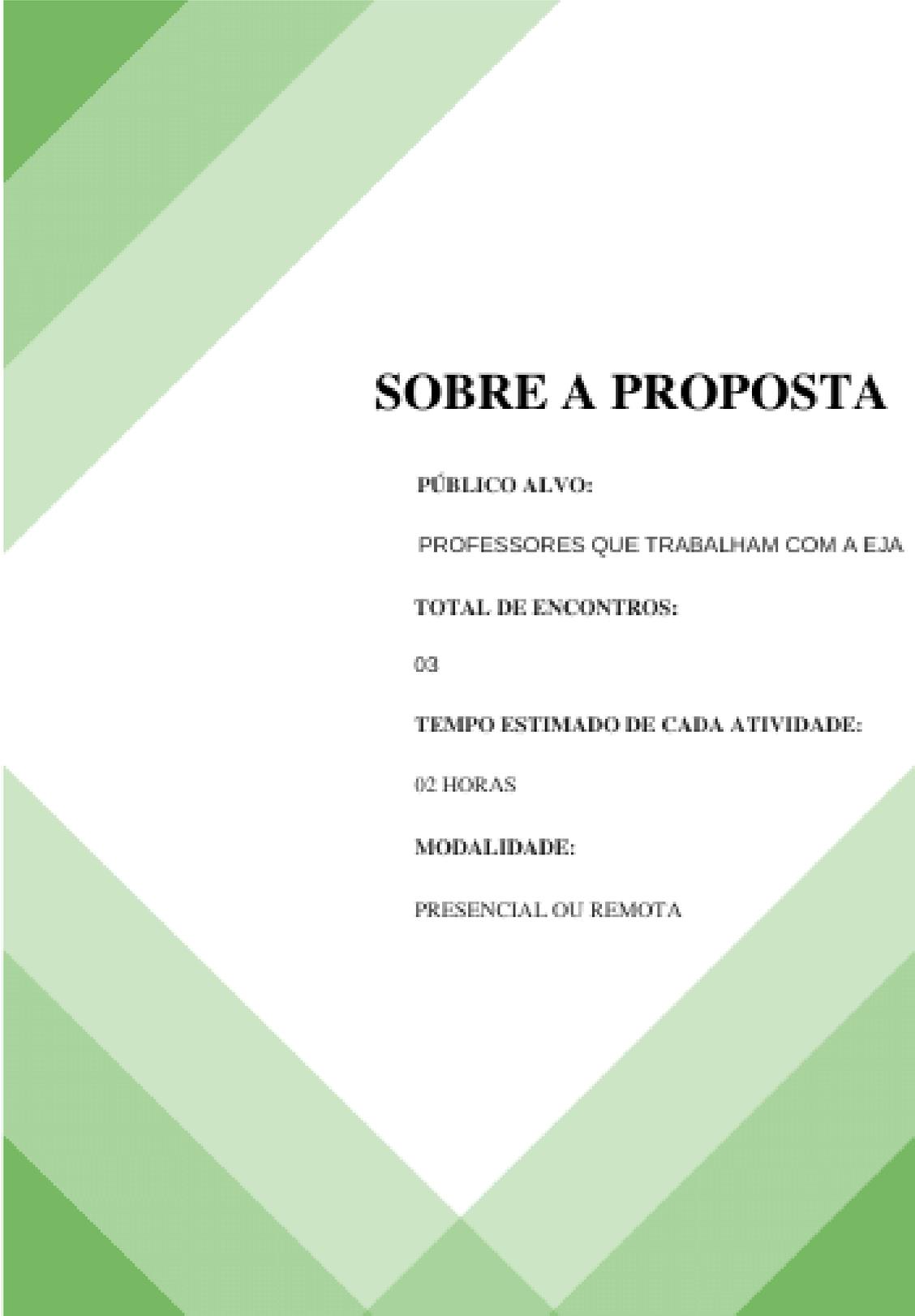
Conforme Shiroma e Lima Filho (2011), diferente das outras modalidades, o profissional que atua na EJA não possui, necessariamente, uma formação específica, pois raras licenciaturas contemplam discussões sobre o ensino e a aprendizagem de jovens e adultos. Corroborando, Silva (2018) lembra que, desde sua criação, o Proeja segue desafiando equipes em todo o Brasil, já que, além das especificidades dessa modalidade que precisam ser contempladas e da dificuldade de integrar a educação básica com a educação profissional, o maior desafio é garantir o direito de jovens e adultos de acessar, permanecer e concluir sua formação básica e técnica nos Institutos Federais.

Estudos que dão voz aos professores relatam que a integração da educação profissional à educação básica esbarra em dificuldades de várias ordens como as múltiplas interpretações sobre integração, falta de formação e de tempo para docentes se encontrarem para discuti-las, entre outras [...] Embora realizem reuniões periódicas, (os professores) ressentem-se da falta de espaços para discussão coletiva sobre o Proeja na instituição (SHIROMA; LIMA FILHO, 2011, p. 735).

Silva (2018) orienta que é importante ampliar o debate interno e com outros atores externos sobre a EJA e também é necessário avançar nas formas de acolhimento saindo da dimensão apenas protocolar de receber os jovens e adultos que reiniciam as suas trajetórias nos

Institutos Federais, sendo importante dar suporte e condições aos professores dispostos a atuar com a EJA. Para o autor, não há como pensar no acesso, na permanência e no êxito do programa sem considerar a história e as especificidades da EJA como modalidade.

O Produto Educacional (PE), portanto, vem ao encontro dessa carência de conhecimentos a respeito de um programa tão complexo e desafiador, como nos comprovam os pesquisadores que se dedicam a estudá-lo. Assim, visa a contribuir com a formação continuada de professores dos Institutos Federais, propondo estratégias de atividades formativas que favoreçam a apropriação, por parte de docentes e servidores, das bases teórico-conceituais da EJA, pelo conhecimento da legislação, das dimensões históricas, políticas e socioeconômicas, propiciando o diálogo e criando espaços para discussões sobre a modalidade e sua implicância para a RFEPT. Tal embasamento constitui-se como ponto de partida para uma reflexão crítica cujo objetivo é auxiliar o trabalho docente com a EJA, a fim de diminuir o desconhecimento sobre o programa para que este possa alcançar seu ideal, ou seja, sua consolidação como política pública nos Institutos Federais. Apresentamos, portanto, uma sugestão de roteiro para aplicação de atividades formativas por meio de encontros que podem ser mediados entre todos os sujeitos envolvidos com a EJA e Proeja. Este PE foi aplicado em um câmpus do IFSP, prestes a abrir um curso do Proeja, mas pode ser desenvolvido, com as devidas adaptações, em outros contextos.



SOBRE A PROPOSTA

PÚBLICO ALVO:

PROFESSORES QUE TRABALHAM COM A EJA

TOTAL DE ENCONTROS:

03

TEMPO ESTIMADO DE CADA ATIVIDADE:

02 HORAS

MODALIDADE:

PRESENCIAL OU REMOTA

CONTEÚDOS E MÉTODOS

A proposta de formação que apresentamos sugere três encontros mediados que reúnam os professores/servidores da instituição para o debate no campo da EJA/EPT nos IFs ou em outras instituições que ofertem a EJA. Abaixo, apresentamos uma síntese de cada atividade.

Quadro 1 - Discriminação das atividades

ENCONTRO	OBJETIVO	CONTEÚDO	DINÂMICA
I- Sensibilização	Sensibilizar os docentes da instituição à questão da EJA como política pública destinada aos trabalhadores do país.	Educação para jovens e adultos trabalhadores.	Palestra aberta via <i>YouTube</i> – convidado: Professor Miguel Gonzalez Arroyo ¹ .
II- Aprofundando conhecimentos sobre a EJA/EPT.	Ampliar os conhecimentos sobre a EJA/EPT nos IFs.	Trajetória da EJA na Rede Federal – a implementação dos cursos no IFSP.	Palestra fechada – convidada: pedagoga representante da DIEB ² do IFSP.
III- Momento dialógico.	Promover um momento dialógico de escuta e acolhimento aos docentes.	Expectativas para atuar com a EJA no câmpus.	Roda de conversa – convidadas: professoras Maria Beatriz Gameiro Cordeiro / Juliana Cristina P. Piunti.

Fonte: elaborado pela pesquisadora

¹ Doutor em Educação pela Stanford University. Professor Titular Emérito da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor Honoris Causa da Universidade Federal Fluminense (UFF).

² A Diretoria de Educação Básica (DIEB), nos Institutos Federais (IF), tem por atribuições propor, desenvolver, acompanhar e supervisionar, em articulação com as demais Diretorias e Pró-Reitorias, políticas e procedimentos no contexto dos cursos Técnicos de Nível Médio – em suas formas Integrada, Concomitante e Subsequente – e dos cursos de Formação Inicial e Continuada desenvolvidos no âmbito da Educação Profissional de Jovens e Adultos.

ENCONTRO 1

A primeira atividade constitui uma palestra organizada em formato remoto. Em nosso piloto, realizamos a transmissão pela plataforma *Stream Yard* para o canal da instituição no *YouTube*, com interpretação em Libras. Para a divulgação, foi elaborado o seguinte folder adaptado para redes sociais e sites.

PROFEPT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL
São Paulo
Câmpus Itapetininga

PROEJA
Que educação, para quais jovens e adultos vindos de passagens humanas e inumanas?

20/04/2021
às 19h

Mediação
Elzafran Lourenço
Mestranda ProfEPT
Prof.ª Dra. Juliana Pianti
IFSP Câmpus Sertãozinho
Prof.ª Dra. Maria Beatriz G. Cordeiro
IFSP Câmpus Sertãozinho

Miguel Arroyo
Doutor em Educação pela Stanford University
Pós-Doutor pela Universidade Complutense de Madri
Prof. Titular Emérito da Fac. de Educação/UFMG

Transmissão ao vivo pelo canal IFSP Câmpus Itapetininga no YouTube

O material formativo gerado por essa atividade está disponível no *YouTube* e pode ser acessado por educadores e demais interessados no tema³ a qualquer momento, podendo, até mesmo, ser replicado. O conteúdo da palestra segue transcrito a seguir, em formato de texto, para que possa ser usado, também, como leitura formativa sobre a EJA:

Palestra: Que educação, para quais jovens e adultos vindos de passagens humanas e inumanas?

³Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-tWBKgMukI>,

Obrigado aos educadores e educadoras, aos gestores dessa instituição de Itapetininga. A primeira coisa que eu queria destacar para vocês, diante de tempos em que a educação, incluindo a educação de jovens e adultos, a educação profissional, e a educação nas universidades, em tempos em que a educação, as ciências humanas são tão atacadas, nós queremos mostrar que estamos vivos, estamos vivos e incomodando.

Neste momento, ainda que à distância e em um contexto carregado, constituímos representações políticas que dizem “não” a tantas destruições da educação, a tanto rebaixamento da educação brasileira, a tanta desconstrução da cultura, que está sendo jogada e não sabemos nem mesmo onde que ela está. Quantos ministros já teve o MEC? Por que se joga fora a educação, a cultura? Porque incomoda. Sempre falamos que “ninguém chuta cachorro morto”, estamos vivos e incomodando, resistindo e insistindo, ainda que seja à distância. Então, parabéns a vocês por se mostrarem vivos e eu também estou vivo e quero continuar trabalhando, colaborando e mostrando que a educação merece respeito. Sobre o tema que nós colocamos, que discutimos juntos, a Elzafran⁴ e eu: Que educação de jovens e adultos, em que passagens humanas e inumanas? Eu queria destacar exatamente isto, que essas passagens humanas e inumanas têm um sentido muito profundo, sobretudo quando pensamos que estamos em tempos de pandemias, não só do vírus, este vírus tão inumano, que mata. Mas sobretudo estamos em tempos de pandemias inumanas políticas, este seria o sentido que temos que dar: de que trajetórias humanas ou inumanas chegam esses jovens e adultos às nossas escolas, ao Instituto Federal, em tempos, insisto, de pandemias não só viróticas, mas sobretudo pandemias políticas? Sempre que a realidade é extrema, temos que responder com respostas extremas, é no sentido deste momento que estamos trabalhando, por favor não estamos em tempos de “xaropes”, de repensar simplesmente aqueles currículos simplórios. Não estamos em tempos de promessas vãs, estamos em tempos de falar verdades duras e cruas.

Sou professor há muito tempo, assim como vocês. Nós professores e professoras preparamos nossas aulas, nossas falas, e eu pensei em desenvolver o tema dessa fala, primeiro nos colocando a seguinte pergunta: Mas que educação? Que jovens e adultos? Segundo, que docentes, educadores e gestores da educação de jovens e adultos do Instituto Federal? Que educação profissional e tecnológica, em tempo de EJA? E que organização curricular para garantir o direito à educação de jovens e adultos no Instituto Federal de Educação Profissional e Tecnológica? E que organização curricular para garantir o direito à educação de jovens e adultos no Instituto Federal de Educação Profissional? Esses temas dariam para desenvolver

⁴ Pesquisadora e servidora do IFSP que organizou a palestra.

muitos trabalhos, mas vou tentar aqui desenvolvê-los e quem sabe vira um texto que pode ser reproduzido.

Vamos à primeira questão, eu sugiro que vocês deem centralidade ao olhar sobre os sujeitos. Na área da educação, às vezes pensamos em tudo, no currículo, na organização, no tempo e espaços, mas nem sempre pensamos nos sujeitos. A educação é uma relação de sujeitos, não é uma relação, nem sequer de conhecimentos, nem de metodologias, nem de atividades, mas uma relação de sujeitos. Quando falamos em uma formação de jovens adultos, em passagens humanas e inumanas, estamos falando de sujeitos, sujeitos com vivências humanas ou inumanas, e este é o ponto fundamental. Podemos sair dos cursos de licenciaturas dominando o que ensinar, como ensinar, como aprovar e como reprovar, tudo isso se sabe muito bem. Mas falamos pouco dos sujeitos com os quais vamos trabalhar, e este é um ponto que merece nossa atenção especial. Quem são estes sujeitos jovens e adultos que chegam ao Instituto Federal? Quem são eles? Como vemos esses sujeitos? Será que os vemos? Às vezes não os vemos, a tendência tem sido não os ver, ignorá-los. Se o professor sabe o que ensinar, os alunos não importam, podem ser A, B ou C. Podem ser pobres, ricos, negros, não importa, o que importa é que dominamos o que ensinar, como avaliar e como reprovar. Então constatamos que isso não é suficiente. O médico não pode dominar simplesmente que receita passar e que diagnóstico fazer, ele precisa saber com que sujeitos está trabalhando. Se ele trabalha com crianças, tem uma identidade, a identidade de pediatra, se trabalha com idosos, tem a identidade de geriatra.

As identidades docentes educadoras teriam que ser construídas a partir dos sujeitos, e não a partir do que se domina sobre o que ensinar e como ensinar. Isto constitui uma questão muito séria, inclusive na hora de organizar os currículos. E como organizar os currículos de licenciatura, que são organizados por área do conhecimento, e parecem quintais? No livro *Ofício de mestre*, primeiro livro que escrevi, uma das coisas que coloco, sempre me chamou atenção, parece que a educação é uma terra dividida em quintais. Eu trabalho no quintal da história, o outro no quintal da tecnologia A, B ou Y, outro no quintal da geografia, outro no da gramática. Às vezes até falamos em fazer educação integral, integrar todos esses quintais, mas é difícil porque cada um é formado para dar conta de um quintal, e o outro de outro, e assim acontece. Então se me pedem para falar do quintal do outro, não entendo nada. Isto é muito sério. Escrevi um capítulo: *Tensões no quintal da docência*, no meu livro *Ofício de mestre* pois não acho suficiente perguntar: Em seu quintal você produz o quê? E responderem, que um produz abóbora, o outro produz quiabo, o outro chuchu. Então vamos fazer uma sopa comum, interdisciplinar? Isto não é suficiente. O que temos que ver radicalmente é se é possível dominar conhecimentos em recortes de quintais. Não é possível. Não se produz em quintais. O

conhecimento é algo muito mais sério, muito mais complexo ao longo da história, na nossa condição de *homo sapiens*, aqueles que produzem os saberes. Este é um ponto, como vemos esses educandos? Cada um a partir de seu quintal?

Eu queria colocar para vocês que até estamos olhando mais para os educandos e até nos aproximando mais deles, mas ainda é um olhar escolarizado. Uma criança com 8, 7, 6 anos não é pensada, pela escola, como um ser humano no último tempo da infância, ela vai ser simplesmente um escolar. Uma criança é tratada como um letrando na idade certa e não como uma criança, e isto é um crime, uma criança não ter o direito de ser reconhecida como criança. A escola promove muitas injustiças. Que não vejamos os jovens e adultos dentro das nossas escolas com um olhar escolarizado, o que inclusive é muito frequente. Até as diretrizes curriculares da EJA insistem nesse olhar escolarizado, confirmam no documento quando se coloca, “aqueles que não fizeram o percurso escolar na idade certa”. Talvez eles tenham sido obrigados a fazerem percursos humanos irregulares, e isto é outra coisa séria. Então como superar esse olhar escolarizado?

Aproveitando que estamos no centenário de Paulo Freire, eu reforço com vocês que temos que aprender tudo isso com ele. Paulo Freire não fala de jovens e adultos como analfabetos, mas ele fala de jovens e adultos como oprimidos, ele muda o olhar escolarizado para o olhar de humanos ou inumanos percursos e é nesse sentido que precisamos avançar. As palavras que Paulo Freire dedica, no livro, *Pedagogia do oprimido*, em “Primeiras palavras” na página 23, ele dedica aos oprimidos. Mas como ele vê os oprimidos? Acho que a forma que ele os vê seria uma forma interessante para pensarmos também se os jovens e adultos que chegam à nossas escolas, não são iguais aos oprimidos que Paulo Freire falava há mais de 60 anos. Vejam o que diz Freire nessas “primeiras palavras”, ele diz: aos esfarrapados do mundo. É forte, o termo “esfarrapados do mundo”, e ainda acrescenta, “e aos que nele se descobrem”. Ele está falando dos movimentos sociais, aqueles que se descobrem nesses oprimidos, nesses esfarrapados, creio que ele está falando também dos educadores da EJA que se descobrem, não com um olhar escolarizado, mas com um olhar de esfarrapados. “E assim descobrindo-se, com eles sofrem”. Paulo Freire vê a opressão como sofrimento, um sofrimento humano, um sofrimento social, um sofrimento político. Ele ainda completa com uma frase, como sempre esperançosa, não no sentido de esperar, mas de esperarçar, como ele falava, “Mas, sobretudo, com eles lutam”. Ele dedica esse livro sobretudo aqueles que se descobrem com os oprimidos, lutam com eles. A mim parece que seria essa a forma de colocarmos a pergunta: quem são os educandos com que trabalhamos? Volto a insistir que, dependendo de como os vemos, nos vemos. Eu falo sobre isso no livro “Ofício de mestre” e tenho outro livro que fala nessa mesma

direção, “Imagens quebradas”, que escrevi quando estava trabalhando como secretário de educação, e chegava nas escolas, na EJA, e perguntava aos educadores e educadoras como estavam as coisas, e eles diziam que as coisas não estavam boas. Eu julgava que era o problema de sempre, salário, vários turnos de trabalho que precisavam fazer para complementar o salário, indo da rede municipal para a estadual, da estadual para a municipal, e indo da educação básica para a EJA. Esta é a realidade de tantas educadoras e educadores. Mas quando eu perguntava o que não estava bom, aos professores e professoras, em suas respostas eles apontavam para as imagens quebradas de seus educandos que refletiam em suas próprias imagens, também quebradas de educadores. Então eu escrevi “Imagens quebradas”, trajetórias de alunos e mestres. A capa traz uma menina quilombola, negra, brincando com uma boneca quebrada. Com isso eu quis dizer - Menina aprenda a brincar com o que você já é, quebrada. Essas realidades chegam nas escolas. Eu quero lembrar que a imagem dessa menina, quebrada em suas identidades, são as imagens de tantos milhares de crianças e depois adolescentes, que vão chegar quebrados à EJA, como jovens e como adultos. Não só a imagem de suas infâncias está quebrada, mas ao longo de suas trajetórias vão acumulando “quebradeiras” de identidades, até chegarem aonde vocês trabalham, na EJA. São processos de “quebradeiras” cumulativos. O adulto jovem que chega na EJA não é simplesmente um oprimido, como jovem e adulto, ele já o foi como adolescente, como criança, e sua trajetória é de pobre, trabalhador e oprimido. Essa acumulação de vivências precisa ser levada em consideração pelos educadores e educadoras quando trabalham com a EJA.

Eu diria para vocês que a EJA é uma espécie de condensador, condensa, sintetiza, todos os problemas que os educadores vivenciam na educação da infância, vivenciam na educação com adolescentes e às vezes vão vivenciar com maior crueza na educação de jovens e adultos. O tempo das escolas para a EJA é o tempo que mais incomoda para a educação, pois formar educadoras e educadores para trabalhar com crianças, aqueles que cultivam as rosas da infância, ajudam o broto humano a crescer e a florescer, é até romântico. Com adultos a coisa é muito mais complicada, não é romântico o trabalho com educandos vindos de passagens humanas e inumanas. Perguntar para o docente com quem ele trabalha, e ele responder, com jovens e adultos. E dependendo de onde eles chegam, é difícil dizer, eu sou um jardineiro que cuida de um jardim que dá flores maravilhosas, isso é difícil. Portanto, essas são as realidades com as quais nós trabalhamos, e isso é realismo.

Vocês devem saber que um traço da literatura latino-americana com Garcia Marques e outros, é o realismo trágico. Acredito que a nossa realidade, sobretudo com jovens e adultos, terá que estar marcada por esse realismo trágico, que não é derrotismo, nem pessimismo, é

realismo. A verdade é que nos chama, que nos incomoda, que nos instiga, que nos provoca. É nesse sentido que devemos caminhar. Esse tema que vocês me colocam vai muito nessa direção, por compartilhar algo que vocês já vivenciam. Agora indo a outro ponto, se nós vemos esses educandos como sujeitos, e eu ainda acrescentaria, como sujeitos coletivos, pois não são indivíduos, não são Antônio, Maria, João, aquele ou aquela, são coletivos. Os oprimidos não são para Paulo Freire indivíduos, isolados, para ele os oprimidos são coletivos, sujeitos sociais, raciais, de classe, de gênero, e segregados como sujeitos coletivos, eles chegam à escola sabendo e tendo consciência disso. A nossa educação trabalha cada aluno como se fosse uma ilha, e nós somos educadores de coletivos. E também devemos nos identificar, nós educadores, como coletivos. O movimento docente é um movimento de coletivos de educadores e educadoras. Educadores coletivos, de coletivos sociais, étnico-raciais, isso é fundamental, em todos os tempos, mas sobretudo na EJA.

O ponto seguinte, que vocês colocam sobre educação de jovens e adultos de passagens humanas e inumanas, eu cito o meu livro *Passageiros da noite*. Muitos me perguntam por que escolhi esse tema, passageiros da noite. Escolhi, primeiro porque a maior parte dos alunos da EJA estudam à noite, e para mim eles vêm de passagens diversas. Eu já trabalhei muito tempo com a EJA, e sempre perguntava aos meus alunos, que horas eles tinham acordado, e muitos falavam que acordavam às cinco da manhã, para pegar o ônibus às cinco e meia para conseguir chegar ao trabalho. Muitos eram pedreiros, outras empregadas domésticas, e depois de todas as suas passagens do dia, com transportes, trabalho, à noite, ao invés de irem para casa descansar, vinham para a escola, tendo como última jornada do dia, a EJA. Esta é a realidade desses alunos e eles merecem muito respeito. Quando fui secretário da educação criamos o Projeto de Educação do Trabalhador, nós tínhamos a escola sindical, onde eu também trabalhava, essa escola era de formação de operários, operários da construção civil, da tecelagem, por exemplo, formávamos operários. Mas nós descobrimos que muitos desses operários, não haviam sequer completado a educação básica e então como fazer? Então idealizamos um projeto junto com a Escola Sindical⁵ e com a prefeitura, para o que chamamos de Projeto de Educação de Trabalhadores (PET)⁶. Fizemos um levantamento dos sindicalizados que não haviam completado a educação básica e a partir desses dados, juntos com os sindicatos, escola sindical

⁵ Ver: Escola Sindical 7 de Outubro –15 anos. Belo Horizonte,2002, CUT-Brasil.BH:2002.

⁶ O Projeto de Educação de Trabalhadores – PET- constitui-se em uma experiência de Educação de Jovens e Adultos cuja centralidade da ação pedagógica é o trabalho e, em decorrência a cultura, nos processos formativos do adulto trabalhador (AGUIAR,2006).

e secretaria municipal de educação, inventamos como educar esses jovens e adultos trabalhadores. Esta experiência foi muito interessante, porque a EJA sozinha não é suficiente.

A escola não dá conta sozinha, temos que nos articular para essa formação de jovens e adultos trabalhadores, incluindo até os movimentos sociais. Se vão muitas mulheres negras, homens negros à EJA, por que não os vincular ao movimento negro educador? Se vão muitos jovens, por que não os vincular também com o movimento juvenil educador? Assim estamos vendo esses educandos como coletivos, e coletivos em movimento, em lutas, em resistências, para firmarem-se como gente. Esta foi a ideia do livro *Passageiros da noite*. Em nenhum momento nesse livro, eu falo em percursos escolares truncados, ou chamo esses educandos de analfabetos, longe de mim ter essa visão tão negativa. Eles têm mais saberes às vezes do que nós pensamos, mais valores do que supomos e nos dão lições com esses valores. Nesse livro [*Passageiros da noite*] vocês encontram entre 20 a 25 temas geradores de formação para educadores e educadoras da EJA, inclusive na área profissional e tecnológica, como vocês trabalham nos institutos federais. O primeiro tema que vocês encontram está desenvolvido com muita centralidade nos percursos pelos quais eles chegam, de onde eles vêm e para onde eles vão. E eu procuro buscar os significados dessas suas passagens, é essa que precisa ser a nossa intenção. O que significa o fato de se colocarem em movimentos de passagens, de trabalhar o dia inteiro e ainda passarem do trabalho para a educação de jovens e adultos? Que significados podemos encontrar nessas passagens? Buscar os significados formadores dessas passagens e até deformadores. Quando falamos em passagens humanas e inumanas, devemos olhar não apenas os significados formadores, mas também os deformadores.

É muito interessante observar por que eles fazem esses itinerários para a EJA. Porque esperam mudar não só de lugar espacial, mas de lugar social, de lugar racial, de lugar de classe. O primeiro capítulo do livro é muito interessante, nos traz uma pergunta: de que lugares sociais, espaciais, de gênero chegam e que papel tem o sistema escolar para responder a esses significados de mudar de lugar? Será que vão mudar de lugar? Será que estamos prometendo que vão mudar de lugar social, racial, de classe, e será que vão mudar mesmo? Será que vão sair da EJA com uma formação profissional e vão ser outros sujeitos, como classe, como raça, ou vão continuar sendo segregados porque são negros, trabalhadores pobres das periferias, por que são mulheres? Estas são questões que temos que nos colocar. Educadores e educadoras, não prometamos o que não somos capazes de dar. Paulo Freire falava que a escola não é capaz de mudar as estruturas sociais, mas também sem a escola as vítimas dessas estruturas talvez não tenham condições de saber por que são oprimidas.

Não é fácil ser educador de jovens e adultos, eu já fui e sofria muito, e voltava para casa sem conseguir dormir. Passageiros de velhos itinerários coletivos, vejam que insisto em itinerários coletivos, que persistem no presente. Estes jovens adultos quando crianças já foram levados à escola por sua mãe negra, da favela, e agora vão sozinhos, mas em itinerários coletivos persistentes. Leiam isso com todo cuidado, por favor e façam disso temas geradores de formação. Continuando este mesmo tema, na página 32, eu coloco: Que significados humanos revelam em seus itinerários? Eu insisto muito, porque são itinerários humanos e inumanos. Aqui coloco uma questão que parece muito importante para vocês dos Institutos federais: passageiros periféricos vêm das periferias, vêm de longe, acordam muito cedo, pegam dois, três ônibus e depois chegam à escola e depois ainda têm que pegar outros ônibus até chegarem em casa. Não apenas moram na periferia, mas são tratados como periféricos pelas estruturas sociais de poder, de economia e até de educação. Estão na periferia da educação, como reprovados, como mulheres negras pobres, empregadas domésticas, como babás, esta é a realidade. A nossa cidade e a nossa economia, a nossa nação tem donos do poder, e eles estão nos centros, nos centros do comércio, no centro da cultura, da saúde. Os espaços são produtores não só de diferenças espaciais, são produtores de diferenças sociais, raciais, produtores de diferentes coletivos e são eles (os estudantes da EJA) que chegam nas escolas como periféricos. Como entender um jovem adulto já com 30, 40 anos, que toda a sua vida foi tratado e visto como periférico, que se reconhece periférico, e que talvez vá pensando em sair da periferia, não só a periferia espacial, mas social, racial, de gênero? Mas vai conseguir? Será que a EJA é capaz de fazer milagres? Vocês são capazes de fazer milagres? Eu nunca fui e nem pretendi, porque não acredito em milagres. Nem a educação é capaz de fazer milagres, não sejamos ingênuos. Esta é a forma como eu trabalho.

Eu gostaria de colocar para vocês que, neste meu livro [*Passageiros da noite*], vão encontrar temas que se desdobram. Cada um desses passageiros são um tema a trabalhar. E temos que nos formar, mais do que em licenciaturas, mas nos formarmos nessa compreensão desses sujeitos a partir dessas temáticas, dessas dimensões, de suas condições de humanos e inumanos. Eu acho que as ciências tentam dar conta da condição do ser humano, tentam, mas às vezes com uma visão tão científica, com tanta categoria, tanta epistemologia, o sujeito humano desaparece. Sabem quem trata com mais realismo o ser humano? São as artes, a cultura. Por que a cultura em tempos de pandemias políticas e estado de exceção é jogada fora? Porque a cultura incomoda mais do que o conhecimento científico. As ciências que são atacadas, são as ciências humanas, não são as ciências exatas, as ciências exatas tecnológicas são bem-vindas ao desenvolvimento tecnológico, para a acumulação de cada vez mais capital. São as ciências

que tratam dos seres humanos que são atacadas. Por que será? E a cultura é atacada também. Vejam o MEC, antes M de ministério, E de educação e C de cultura. Agora o C de cultura desapareceu, o ministério da cultura é outro. Cultura e educação nasceram juntas, a educação como parte central da cultura, mas agora o C, do MEC, é C de conteúdos da Base Nacional Comum. Estão entendendo como as coisas estão? Até o E do MEC que era de educação, agora é E de ensino - Ministério do ensino e dos conteúdos da Base Nacional Comum. Esta é a realidade. Então eu sugiro, se nós queremos fazer esses itinerários que estamos pensando, se realmente queremos formar educadores e educadoras de jovens e adultos em passagens humanas e inumanas, temos que ir à luta.

E vejam, como eu penso que a cultura nos pode ajudar, até para mim seria interessante fazer isso, se vocês vão trabalhar esse tema ou qualquer um dos outros que sugiro, no meu livro, procurem começar atrelando-os à cultura. A cultura nos ajuda a entender o que significa ser passageiros da noite em itinerários humanos e inumanos. Vocês conhecem *Credo*, de Milton Nascimento e Fernando Brant? Parece que essa letra foi feita para nós educadores e educadoras da EJA. “Caminhando pela noite de nossa cidade”, são os passageiros da noite, foi por ter lido isto que coloquei o título do livro “Passageiros da noite”, foi inspirado em Milton Nascimento e Fernando Brant: “Caminhando pela noite de nossa cidade / Acendendo a esperança e apagando a escuridão”, não é fácil apagar a escuridão da noite, sobretudo quando a lua é minguante, não é fácil. “Vamos caminhando pelas ruas de nossa cidade / Viver derramando a juventude pelos corações / Tenha fé no nosso povo que ele resiste / Tenha fé no nosso povo que ele insiste / E acordar novo, forte, alegre, cheio de paixão”. Melhor do que o que eu digo, esta letra diz. Então trabalhem isto com os jovens e adultos. Se o que nós queremos é que eles se saibam passageiros da noite, em itinerários periféricos humanos e inumanos, leiam a letra dessa canção com eles, peçam que façam uma análise sobre isto, vejam como eles vão se identificar com isto. Creio que seria maravilhoso fazer uma atividade assim com eles. Coloco também uma música de Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle, Viola enluarada, “A mão que toca um violão/ se for preciso faz guerra/ Mata o mundo, fere a terra/ Quem tem de noite a companheira / Sabe que a paz é passageira / Pra defendê-la se levanta / E grita: Eu vou!”. Parece que esta é uma síntese desses passageiros da noite. A noite aqui colocada não é apenas em seu sentido literal, mas a noite social, racial, de gênero, de trabalhadores que sabem que a paz é passageira, e que para defendê-la, se levantam e gritam: Eu vou! Para onde eles vão? Vão até para a EJA, quem sabe? Coloco várias outras letras de canções: *Vida de viajante*, *O canto da cidade*, *Mulheres em marcha*, e também coloco alguns filmes como o filme *Os esquecidos*, é uma história muito forte de jovens esquecidos, que recomendo a vocês. Outro filme interessante também é *Capitães*

de areia que nos fala muito desses adolescentes, desses jovens que tanto amam a cidade, eu digo que são os únicos capazes de amar a cidade, porque a conhecem e vivem nela. Então é esse caminho que indico para vocês trabalharem.

Outro ponto que eu coloco, é sobre a construção dos currículos. Se me permitem, eu deixaria de lado os currículos oficiais e trabalharia cada um desses temas que apresento no meu livro como currículo, para mim este são os temas que merecem ser trabalhados, e a partir deles é que nós poderíamos construir outro currículo, no qual nós pensássemos como organizar os temas de trabalho. No Projeto de Educação de Trabalhadores – PET, tínhamos outra forma de organizar as turmas. A EJA reproduz a mesma organização da escola, seriada, reprovando, igual. Uma estrutura escolar injusta, antiética, que reprova. A questão da organização da EJA é muito séria, já falamos que não devemos ter um olhar escolarizado dos sujeitos, mas um olhar humano. Eu diria que, se continuarmos organizando a EJA por séries, ou somatórios de séries, estamos reproduzindo a mesma visão escolarizada da escola, mas não no olhar do educador, pior ainda, no olhar da própria estrutura escolar. Eu diria que não é somente possível romper com isso, mas que é urgente que se rompa. Em Belo Horizonte, nós fizemos isso, rompemos com esse modelo, no PET. Se quebramos essa organização dos tempos escolares, das séries escolares, como organizar a estrutura para a EJA? No PET (Belo Horizonte), quando chegavam os alunos para a EJA, não perguntávamos em que ano ele tinha parado de estudar, em que ano havia sido reprovado e saído da escola, não fazíamos assim. A pergunta fundamental era: Você trabalha onde? Todos eles são trabalhadores, que vêm do trabalho para a EJA, então essa é a pergunta adequada, de que trabalhos eles vêm? E assim nós íamos descobrindo os diversos coletivos de jovens e adultos, que trabalhavam na mesma função, pedreiros, serralheiros, por exemplo. As mulheres trabalhavam como manicures, cabeleireiras, costureiras, e assim íamos aproximando esses coletivos. Assim também descobrimos como nosso sistema de trabalho é machista, racista, sexista. Geralmente as mulheres não têm os mesmos trabalhos dos homens, nem os homens negros os mesmos trabalhos dos homens brancos. Desta forma fica fácil agrupá-los, por trabalhos. Então as turmas não eram por anos de escolarização, mas por trabalhos próximos, semelhantes. Isto é muito importante. Nós colocávamos sempre dois professores trabalhando com um coletivo. E a função desses professores era fazer com que os estudantes narrassem suas vivências de trabalho, suas dúvidas, suas esperanças de mudar de trabalho. A partir dessas narrativas de trabalho é que íamos construindo os temas teóricos a trabalhar. Vocês percebem a diferença, em se fazer um currículo a ser trabalhado partindo das narrações, indagações, dos grupos de trabalhadores? E assim entravam as diversas áreas do conhecimento nos currículos, partindo dos questionamentos dos alunos, por exemplo, sobre custos para alugar

um espaço para trabalharem por conta própria, assim entra a matemática. É uma outra forma de trabalhar, e se vocês trabalham com educação profissional, vocês podem construir um currículo dessa maneira. A melhor forma de trabalhar educação profissional é partindo dos coletivos de trabalho, das profissões que os estudantes já têm, das suas vivências como trabalhadores e suas demandas pela formação técnica, intelectual, ética, cidadã. Foi assim que trabalhamos no PET.

Eu indico um texto muito importante para vocês que trabalham nos Institutos Federais *A educação Profissional e Tecnológica nos interroga. Que interrogações?* (Arroyo, 2019). Esse texto é muito específico para a educação de trabalhadores e trabalhadoras, sobre como articular educação básica com educação profissional, que não podem ser tratadas de forma separada. Toda educação profissional tem que ser educação básica, tem que ser educação humana. Uma educação profissional que não leva em conta os itinerários humanos e inumanos, não é e nunca será profissional e, menos ainda será educação. Não há como separar trabalho e cidadania. O primeiro direito do cidadão é o direito à vida. Quando temos mais de 3 mil mortos por dia, que valor estamos dando à vida? Ainda escutamos de autoridades que um dia iremos morrer e que diferença faz se for hoje ou amanhã. Isto é falta de ética, como é possível? Não se pode fazer política sem respeitar a vida. A vida é o grande direito humano, o maior de todos os direitos humanos. O trabalho tem que ser visto como o direito à vida dando direito para a produção da vida. A terra, o espaço, são as condições materiais que os seres humanos têm para trabalhar. E por que trabalhamos? Por que o jovem, o adulto sai de casa para trabalhar? Por que até crianças saem para trabalhar nas ruas, nos faróis, nos mercados? Trabalhamos por vida, para podermos viver. O que dá a dimensão mais forte da educação para o trabalho, é que o trabalho é pré-condição da vida, pois o primeiro direito humano é o direito à vida. O direito à terra, ao trabalho, à saúde são pré-condições para viver. É nesse sentido que devemos trabalhar. Estamos economicamente em uma situação muito difícil em que perdemos o estado de direito, onde cada um é por si e o diabo por todos. Formação técnica e profissional é direito de todo trabalhador e dever do Estado. Que possibilidade temos de construir projetos para educação profissional e tecnológica de jovens e adultos?

Walter Benjamin⁷ diz que, o estado de exceção sempre foi regra para os oprimidos, eu diria para vocês que, o estado de exceção sempre foi regra para aqueles que lutam por escola, como jovens e adultos trabalhadores vindos como passageiros da noite para a EJA. Agradeço a

⁷ Walter Benjamin (1892-1940) foi um filósofo, ensaísta, crítico literário e tradutor alemão. Deixou vasta obra literária, além de ter contribuído para a teoria estética, para o pensamento político, para a filosofia e para a história.

vocês por terem me instigado com esse tema, eu quando sou instigado, resisto e insisto. Obrigado.

Caso haja interesse em aprofundar as questões abordadas pelo professor Arroyo na palestra, sugerimos a leitura e debate dos livros listados a seguir:

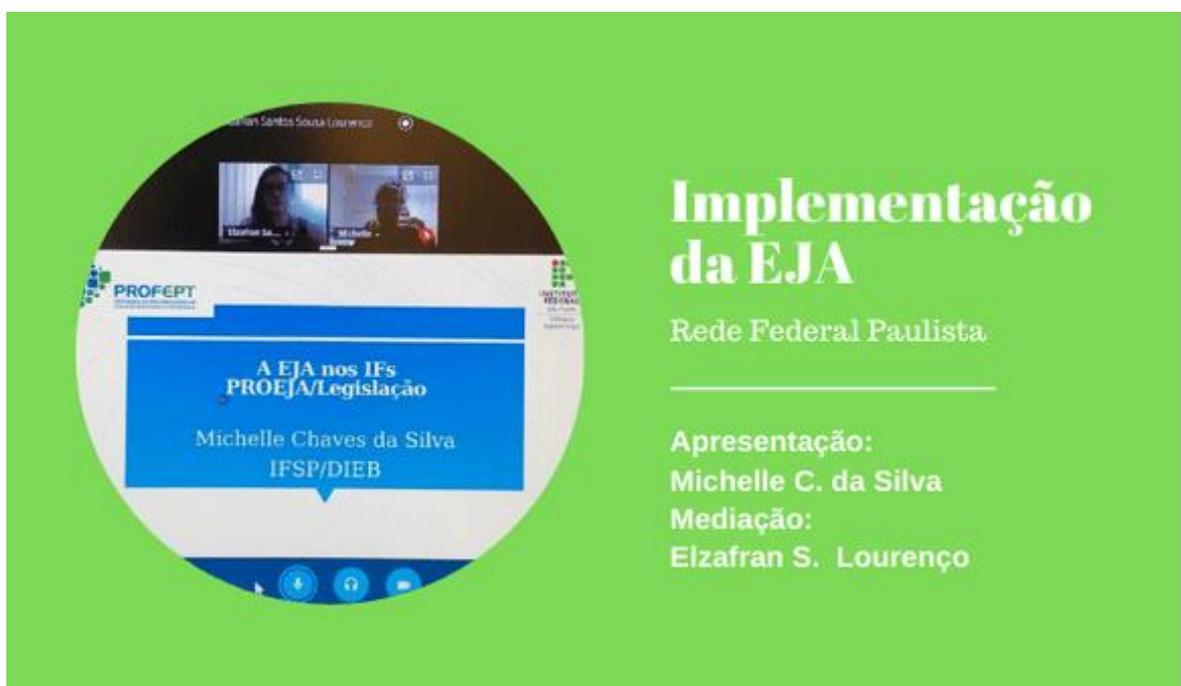
ARROYO, Miguel Gonzalez. **Passageiros da noite** do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **Imagens Quebradas:** Trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis: Vozes, 2004.

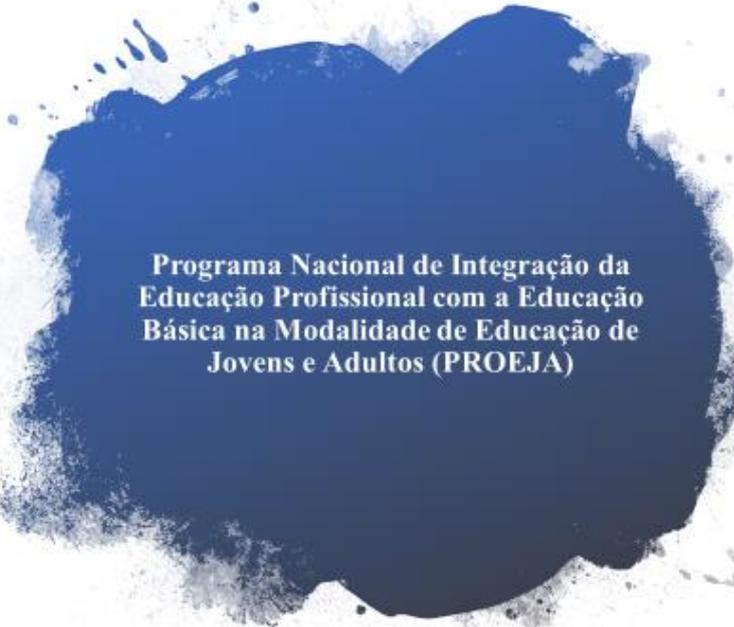
_____. **Ofício de Mestre:** imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000.

ENCONTRO 2

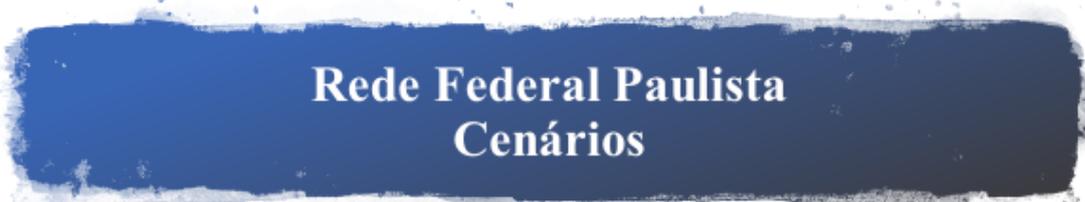
O segundo encontro compreende uma exposição oral do tema, seguida de interação, destinada a professores que atuam no PROEJA ou EJA, cuja temática contempla a trajetória da EJA nos IFs e o processo de implementação dos cursos no IFSP. Sugerimos que a atividade seja mediada por um docente da área de educação ou ensino e a explanação do conteúdo seja ministrada por profissional com formação em EJA. O encontro pode ter dois momentos, sendo o primeiro para a explanação do/a convidado/a e o segundo para questões, indagações e comentários dos participantes. Partindo do conteúdo apresentando, essa atividade pode ser realizada presencialmente ou à distância, por meio de plataforma virtual.



A seguir, apresentamos o material utilizado no piloto dessa atividade, focado na realidade dos Institutos Federais. Dessa maneira, pode-se adaptá-lo de acordo com as necessidades do grupo, por exemplo, apresentando dados do IBGE sobre os não escolarizados, a demanda por educação de jovens e adultos na cidade em questão, a necessidade de justiça social, embasamentos de Paulo Freire sobre a educação de jovens e adultos, dentre outras questões pertinentes à temática:



**Programa Nacional de Integração da
Educação Profissional com a Educação
Básica na Modalidade de Educação de
Jovens e Adultos (PROEJA)**



**Rede Federal Paulista
Cenários**

- ❑ Implantado em 2006 no antigo Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET).
- ❑ **Características:** Ações pontuais e individualizadas: estruturação dos cursos foi tarefa de pequenos grupos (coordenadores e alguns docentes). Não houve debates ou uma apropriação sobre o campo da EJA no período.
- ❑ Tarefa de garantir 10% das vagas não obteve êxito, esse percentual sequer foi debatido.
- ❑ Resistência institucional: Havia uma hierarquização de determinados grupos e a educação básica (elevação de escolaridade) atendia apenas aos estudantes na idade própria, para os demais, cursos desarticulados do Ensino Médio (técnicos de nível médio nas formas concomitante ou subsequente e cursos de formação inicial ou continuada).

Rede Federal Paulista Cenários

- ❑ IFSP: (2009-2013): EJA é mencionada no PDI, mas não é colocada em prática a abertura de novos cursos;
- ❑ EJA integrada: nenhuma proposta para aumentar os cursos; Houve a abertura de um único curso próprio na Modalidade EJA no período de cinco anos (*Campus Sertãozinho*)
- ❑ Ação externa: Adesão ao Ofício n. 40/2009- política de parcerias fragilizadas para oferta do Ensino Fundamental, pouca participação do IFSP;

Rede Federal Paulista Cenários

- ❑ 2014-2018:
- ❑ Priorização dos balizadores de cursos da Lei n. 11.892/2008 (EJA ganha impulso no processo de adequação dos balizadores: ênfase na educação básica como um todo, notadamente o curso técnico de nível médio integrado, e atenção a uma modalidade específica (EJA).
- ❑ Mudanças na operacionalização dos balizadores (todos os *campi*, isso permite que a EJA seja pautada na instituição);
- ❑ Grande debate sobre o tipo de oferta: cursos de formação inicial ou continuada ou técnico de nível médio.

Rede Federal Paulista Cenários

- EJA é pautada em 70% dos *campi* (debate inicial realizado: tem que ter EJA também!!!).
- Gestão central passa a ser mais atuante no sentido de “supervisionar” a implantação dos cursos (EJA ganha muito com isso).
- Processo de revisão do PDI (2014-2018): o debate sobre os balizadores se intensificam, EJA ganha impulso.

Rede Federal Paulista Cenários

- Formas de seleção (abdicar de formas de seleção por mérito, propor formas de ingresso menos excludentes).
- Reprovação (Mobilidade escolar é um dos gargalos (várias podem ser as causas: frequência ou baixo desempenho acadêmico).
- Evasão (é significativa no IFSP, aluno abandona o curso por diversos motivos).

Rede Federal Paulista Cenários

- ❑ **Formação de professores para a EJA:** proposta da especialização em EJA não funcionou em São Paulo (baixa adesão).
- ❑ **Instituição pouco aberta à inserção de pessoas com baixa escolaridade** (construção histórica, processo seletivo serve para selecionar os mais aptos, concepção idealizada sobre o estudante).
- ❑ **Currículo da educação de jovens e adultos integrada à educação básica:** Há um currículo para a EJA sendo operacionalizado (muito parecido com o currículos dos cursos “regulares”), o desafio é estruturá-lo para a EJA integrada à educação profissional (problema nacional).

Rede Federal Paulista Cenários

- ❑ **Matrículas**
- ❑ **Crescimento nas matrículas entre os anos de 2006 a 2010 e quedas a partir do ano de 2011;** novo crescimento a partir do ano de 2015 (revisão do PDI).
- ❑ **Novo crescimento ocorre em um momento de menor expressão da política em âmbito nacional.**



Rede Federal Paulista Cenários

Tipos de cursos e perfil

Destacam-se os cursos abertos no **Eixo-Tecnológico Gestão e Negócios (Administração, Logística, etc)**.

Crescimento do público feminino;

Faixa etária: público é heterogêneo: cursos atendem dos 15 aos 60 anos.

- Cursos são ofertados apenas no período noturno;

Rede Federal Paulista Cenários (2020)

EJA integrada ao Ensino Médio

1. Birigui	BRI	Comércio
2. Capivari	CPV	Administração
3. Caraguatatuba	CAR	Administração
4. Jacareí	JCR	Logística
5. Jundiaí	JND	Administração
6. Matão	MTO	Segurança do Trabalho
7. Pirituba	PTB	Administração
8. São Miguel Paulista	SMP	Comunicação Visual
9. São Paulo	SPO	Qualidade
10. Sertãozinho	SRT	Mecânica

Rede Federal Paulista Cenários (2020)

EJA integrada aos ensinos fundamental e Médio

1. Avaré	AVR	Auxiliar em Hospedagem
2. Itapetininga	ITP	Assistente Administrativo
3. Cubatão	CBT	Informática Básica
4. Presidente Epitácio	PEP	Operador de Computador

ENCONTRO 3

A última atividade proposta é uma roda de conversa que pode ser conduzida por docentes que trabalham com a temática da EJA. Em nosso produto, participaram, como convidadas, as duas professoras que orientaram a pesquisa. O encontro pode acontecer presencialmente ou de forma remota. Sugere-se, especialmente, para esta atividade, o formato presencial para favorecer a interação e o diálogo. Mélo et al. (2007) explicam que as rodas de conversa, como espaços de formação docente, priorizam discussões em torno de uma temática, a qual vincula-se com os objetivos e realidades em que os sujeitos se situam e, na ação dialógica, socializam suas concepções. Ademais, entendemos que esses momentos são propícios para reflexões às manifestações do grupo. Para essa atividade, devem ser levantadas algumas questões que podem instigar as discussões, caso haja dificuldades em iniciar o diálogo com o grupo, tal como sugerimos a seguir:

- Vocês consideram importante, para a comunidade local, que o câmpus/a escola ofereça a EJA?
- Na concepção/compreensão de vocês, qual deve ser a função social da escola/IFSP/câmpus?
- Quais as dificuldades na construção coletiva do projeto do Proeja/EJA no câmpus/escola?

Na aplicação do produto em nossa instituição, devido à pandemia de Covid, a roda de conversa ocorreu de forma virtual por meio da Plataforma de Conferência Web da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), conforme se verifica na imagem a seguir:

Roda de Conversa

Socialização

Convidadas:
Juliana Cristina P. Piunti / Maria Beatriz G. Cordeiro

Mediação:
Elzafran S. Lourenço

Outras atividades e dinâmicas podem ser ofertadas a partir dessas atividades de formação em consonância com as demandas e com a disponibilidade da escola. Pode-se, por exemplo, transformar esta proposta de formação continuada em curso de extensão, com aprofundamento de temas pertinentes à temática, dentre outras possibilidades. Lista-se, a seguir, uma série de temas que podem emergir nesses momentos formativos:

- Necessidade de educação de qualidade aos trabalhadores, conforme destaca o próprio documento base do programa:

política de educação profissional e tecnológica, nos moldes aqui tratados, também seja destinada, com o mesmo padrão de qualidade e de forma pública, gratuita, igualitária e universal, aos jovens e adultos que foram excluídos do sistema educacional ou a ele não tiveram acesso nas faixas etárias denominadas regulares, sendo esse o objetivo central desse documento base – uma política educacional para proporcionar o acesso do público de EJA ao ensino médio integrado à educação profissional técnica de nível médio (BRASIL, 2007, p. 33).
- Conhecer a função social, a história, as especificidades do público-alvo e demais aspectos do Programa.
- Conhecer a história de exclusão a que tais trabalhadores foram submetidos.
- História da educação no Brasil.
- Estudar o Programa Nacional de Alfabetização de Adultos (PNAA) proposto por Paulo Freire.

- Refletir sobre a dualidade educacional brasileira que destina uma formação integral à elite e uma formação técnica ao trabalhador.
- Ponderar sobre projetos de educação que visam qualificar mão-de-obra para o mercado com uma proposta de alfabetização.
- Discutir os índices de evasão os fatores que geram o abandono escolar a fim de tentar dirimi-los, afinal, como a própria Constituição Federal de 1988 prevê.
- Garantir o acesso, a permanência e o êxitos dos educandos na EJA/PROEJA.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa.** Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **A Educação Profissional e Tecnológica nos interroga.** Que interrogações? Educação Profissional e Tecnológica em Revista, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 5-18, 2019. DOI: 10.36524/profept.v3i1.374.

Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/374>. Acesso em: 2 out. 2021.

BRASIL. **PROEJA.** Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Educação Profissional Técnica de Nível Médio/Ensino Médio. Documento Base. Brasília: MEC, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/proeja>. Acesso em: 15 jun. 2021.

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (Orgs.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 32 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.) **Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: Relação com o ensino médio integrado e o projeto societário de desenvolvimento.** Rio de Janeiro: LPP/UERJ, 2018.

GOUVEIA, Karla Reis. **Política educacional no PROEJA: implicações na prática pedagógica.** 2011. 301f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, 2011. Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/4151>. Acesso em: 20 set. 2021.

HORIGUTI, Angela Curcio. **Do MOBREAL ao PROEJA: conhecendo e compreendendo as propostas pedagógicas.** Bento Gonçalves, 2009. 25 p. Trabalho de conclusão (Especialização) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/BR-RS, 2009. Disponível em:

<https://conferenciaweb.rnp.br/feedback/webconf/>. Acesso em: 20 set. 2021.

MÉLLO, R. P. et al. **Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa.** Psicologia & Sociedade, v.19, n.3, p. 26-32, 2007.

MOURA, Dante Henrique. **Trabalho e formação docente na educação profissional.** Curitiba : Instituto Federal do Paraná, 2014. (Coleção formação pedagógica; v. 3).

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SHIROMA, Eneida Oto.; LIMA FILHO, Domingos Leite. Trabalho docente na Educação Profissional e Tecnológica e no PROEJA. **Educação & Sociedade**, v. 32, p. 725-743. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v32n116/a07v32n116.pdf>. Acesso em: 30 set. 2021.

SILVA, Adriano Laurentes da. **O PROEJA nos Institutos Federais: desafios atuais.** Ensino em Foco, Salvador, v. 1, n. 1, mar. 2018. Disponível em: <https://publicacoes.ifba.edu.br/index.php/ensinoemfoco/article/view/441/322>. Acesso em: 30 set. 2021.

VENTURA, Jaqueline Pereira. **Educação de jovens e adultos ou educação da classe trabalhadora?** Concepções em disputa na contemporaneidade brasileira. 2008. 302 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/10714404-Educacao-de-jovens-e-adultos-ou-educacao-da-classe-trabalhadora-concepcoes-em-disputa.html>. Acesso em: 17 set. 2021.